

A ALIMENTAÇÃO NA AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA

*Patrícia Goulart Bustamante**

A composição da dieta alimentar dos povos do continente americano antes da chegada dos colonizadores europeus era muito diferente da que acontece hoje. A carta de Pero Vaz de Caminha, por exemplo, diz muito pouco sobre como que os povos indígenas brasileiros se alimentavam e trata mais daqueles alimentos que foram oferecidos pelos portugueses e que eles recusaram, muito provavelmente por desconhecê-los.

Para os portugueses, os novos alimentos encontrados nas terras recém-conquistadas, mudariam em definitivo não somente os seus hábitos alimentares mas os de toda Europa, o chamado “Velho Mundo”. Na idade do ouro das descobertas, tanto o Velho como o Novo Mundo foram transformados pelo intercâmbio de recursos naturais que criaram uma ponte permanente de interdependência entre a Europa e as Américas.

Felizmente a quase inexistência de registros e de documentos que relatem os hábitos dos povos indígenas do Brasil antes da chegada dos portugueses, não nos impede de conhecer, através de estudos sobre a diversidade genética das populações de plantas e animais, aquelas que provavelmente têm o Brasil como centro de origem e diversidade. Antes da chegada de Colombo, uma refeição típica nas Américas consistia principalmente de feijão, milho, tomate e pimenta. Trazendo bovinos e suínos, os europeus mudaram a dieta do Novo Mundo.

Graças aos estudos do cientista russo N. I. Vavilov realizados no início do século XX durante uma viagem pelos 5 continentes, que identificavam os centros de diversidade das plantas utilizadas para alimentação e agricultura, podemos conhecer as plantas que não existiam na Europa e aquelas que não eram encontradas no continente americano nessa época.

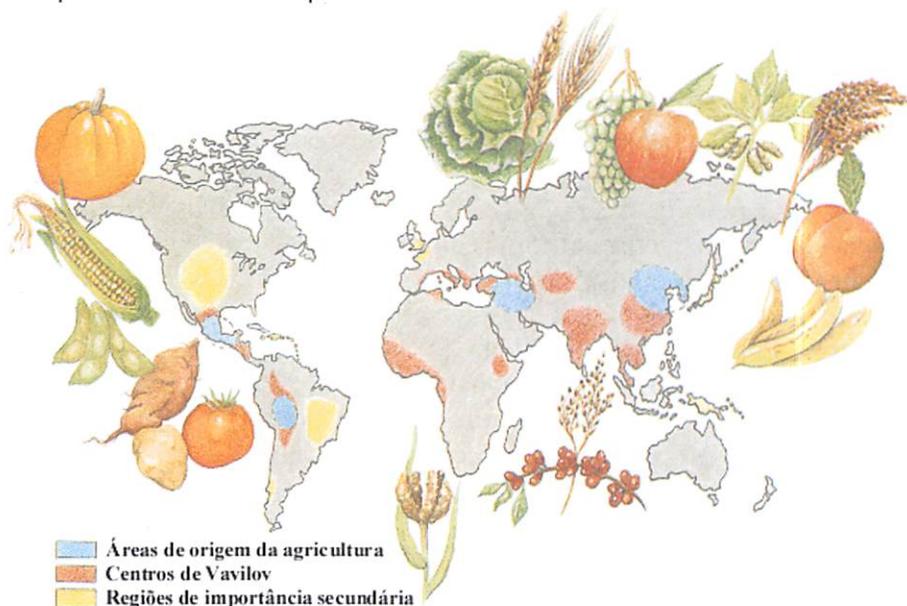
* Engenheira Agrônoma, EMBRAPA, Recursos Genéticos e Biotecnologia

Os estudos de Vavilov. Diversidade das espécies vegetais

Nicolai Ivanovich Vavilov nasceu na Rússia no fim do século XIX e é considerado o pai da ciência que estuda os recursos genéticos vegetais. Foi Vavilov que primeiro reconheceu a importância da diversidade genética das plantas para os trabalhos de melhoramento genético.

Vavilov cruzou os cinco continentes entre os anos de 1916 e 1940 procurando novas espécies de plantas. Nesse período identificou áreas geográficas, que denominou de centros de diversidade, onde se concentravam as espécies mais importantes para alimentação e agricultura (Fig.1). A principal conclusão de seus estudos foi que a combinação de diferentes topografias, climas e métodos de cultivo resultava em grande diversidade de espécies em regiões como a América e o Mediterrâneo, entre outras, que poderiam ser denominados centros de origem.

Vavilov esteve no sul da Itália e observou remanescentes dos cultivos de trigo, cevada e linho realizados há pelo menos dois mil anos pelo povo de Pompéia. No Brasil, o cientista visitou a mata atlântica e pôde observar que numa área de dois hectares poderiam ser encontradas cerca de 2000 espécies de plantas, a mesma diversidade encontrada em um país inteiro da Europa.



A partir dos estudos de Vavilov, tivemos a certeza de que os europeus, antes da colonização das Américas, não conheciam o amendoim, a mandioca, o milho, o mamão, o abacaxi, o tomate, a batata, a abóbora, o tabaco, o feijão, o cacau, entre outros alimentos fundamentais à sua dieta atual e cujo centro de origem se encontra na América.

Da mesma forma, concluímos que os povos indígenas brasileiros, por ocasião da chegada dos colonizadores europeus não usavam em sua dieta arroz, trigo, cebola, alho, banana, limão, laranja, manga, cana-de-açúcar, melancia, café, entre outros.

Atualmente o sistema alimentar mundial é altamente interdependente. Noventa e cinco por cento da alimentação humana deriva-se de não mais do que 30 plantas, oito das quais perfazem 75% da contribuição do reino vegetal para a alimentação humana. Sendo que três culturas – trigo, arroz e milho – são responsáveis por 75% do nosso consumo de cereais. Mas não foi sempre assim. Os povos pré-históricos encontravam alimentos em mais de 1500 espécies de plantas silvestres e pelo menos 500 vegetais principais foram utilizados na agricultura antiga.

O intercâmbio de material reprodutivo das espécies vegetais (germoplasma) vem sendo realizado entre a maioria dos países e é possível constatar que os países mais ricos em biodiversidade são aqueles localizados no hemisfério sul. Para exemplificar, um estudo da Universidade da Califórnia afirma que das mil culturas principais colhidas a cada ano na América do Norte, apenas alcachofra e girassol podem se dizer naturais deste continente. A tabela 1 nos dá o resumo dos centros de origem das principais plantas cultivadas no mundo.

Tabela 1: Centros de origem/diversidade das principais culturas

Cultura	Centro de origem/diversidade
Abacaxi	América Central, Brasil, Uruguai
Abóbora	América Central, América do Sul
Alface	Mediterrâneo
Algodão	Ásia Central, América Central, América do Sul
Alho	Ásia Central
Amendoim	Brasil/Uruguai
Arroz	África Ocidental e Sudoeste da Ásia
Aveia	Ásia Menor, Mediterrâneo
Azeitona	Ásia Menor, Mediterrâneo
Banana	Etiópia, Sudeste da Ásia

Cultura	Centro de origem/diversidade
Batata	Andes
Berinjela	China e África
Beterraba	Ásia Menor
Brócolos	Mediterrâneo
Cacau	América Central
Café	Etiópia
Cana-de-açúcar	Índia, Sudeste da Ásia, China
Cebola	Etiópia, Ásia Central, Ásia Menor
Cenoura	Ásia Central, Ásia Menor
Cevada	Etiópia, Ásia Menor
Coco	Sudeste da Ásia
Couve-flor	Mediterrâneo
Ervilha	Ásia Menor, Ásia Central
Espinafre	Ásia Central
Feijão	América Central
Laranja	China, Sudeste da Ásia
Limão	Índia
Maçã	Ásia Central
Mamão	América Central, Andes
Manga	Índia
Melancia	Ásia Central
Milho	América Central, Andes
Morango	Sul do Chile
Nabo	Mediterrâneo
Pepino	Índia, Malásia
Pêssego	China
Repolho	Ásia Menor, Mediterrâneo
Sisal	América Central
Tabaco	América Central
Tomate	América Central, Andes
Trigo	Etiópia, Ásia Menor
Uva	Ásia Central, Ásia Menor

Fonte: IPGRI – International Plant Genetic Resources Institute

As lições da história

Um dos cultivos naturais da América e que teve maior aceitação entre os europeus foi, sem dúvida, a batata. Exploradores ingleses retornaram da costa do Caribe, no século XVI, com apenas uma variedade de batata que passou a ser cultivada por toda parte na Europa Setentrional. O aparecimento de doenças nesse cultivo uniforme foi apenas uma questão de tempo. Em 1840, os irlandeses perderam sua principal fonte de alimentação, o que acarretou a morte de cerca de 1 milhão de pessoas e a emigração de outras tantas.

Outros exemplos são a ferrugem do café, o mal do Panamá para a cultura da banana, o vírus do mosaico para a cana-de-açúcar, e a vassoura de bruxa na cultura do cacau. A uniformidade genética de um cultivo é um convite para uma epidemia. A medida que a erosão genética se espalha pelos centros de origem das plantas cultivadas, aumenta o perigo de epidemias nos cultivos uniformes espalhados pelo mundo.

BIBLIOGRAFIA:

- CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El Rey Dom Manuel*, Versão Rubem Braga, Rio de Janeiro, Record, 1999.
- HOYD, Erich. *Conservação dos parentes silvestres das plantas cultivadas*, trad. Lidio Coradin, Wilmington, Adison-Wesley Ibero Americana, 1992.
- MOONEY, Pat Roy. *O escândalo das sementes*, trad. Adilson Paschoal, São Paulo, Nobel, 1987.